

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 6

FORTALEZA, 16 DE ABRIL DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
Apontamentos esparsos — JOSÉ CARLOS JUNIOR.
Olhos moleques — JOSÉ MARTINS.
O rapto — PEHY.
A hora da coalhada — AMPHRISIO.
Folhas soltas — IZA.
O natal — MADEMOISELLE ***
A paixão — GIL BERT.
Homenagem — JANE DAVY.
Teu olhar — ANNA NOGUEIRA.
Noite de amor — ALVARO MARTINS.
Os quinze dias — J. L.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 6\$000
Semestre 4\$000

Não se accitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

Apontamentos esparsos

No ultimo artigo publicado sob esta epigrapho procurou-se indicar uma falta, que parece notavel, nos ensaios de romance naturalista feitos no Brazil até hoje. Os nossos litteratos que cultivam o naturalismo, em geral, assimilam as formulas de Zola ou dos Goncourt, penetram-se do seu estylo e applicam-se em applical-o a qualquer facto, qualquer thema, o primeiro que appareça, preocupados somente em que a litteratura brasileira possúa obras naturalis-

tas, ou antes livros escriptos á imitação de Zola ou dos Goncourt. O que absorve, o que preoccupa inteiramente o espirito do autor é a personalidade litteraria do mestre. Parece que ao pintar um scenario, ao desenvolver a acção, o pensamento de escriptor é menos o assumpto de que se occupa, do que a formula, que o mestre empregaria naquella caso.

Não é razoavel entretanto querer-se que o naturalismo inglez, ou allemão, ou turco seja completamente vasado nos mesmos molde que o francezes; os mais radicacs, os mais intransigentes serão forçados a convir n'isto.

Por maior que seja o grau de perfeição a que chegue o romance naturalista inglez, ha de ter muita cousa de George Eliot, o allemão muita cousa de Freytag, o russo muita cousa de Gogol, isto é, de particulamente inglez, allemão, russo, máo grado as influencias reciprocas das litteraturas, mais ou menos intensas conforme a idiosyncrasia de cada autor.

No Brazil, porem, o naturalismo foi importado da França, todo feito e armado com todas as peças; é uma planta exotica, e é isto que constitue o principal defeito dos nossos romances modernos.

Quando foi publicádo o artigo, a que se refere este

em seu começo, acabava de apparecer, no meio de uma nuvem de encomios, *O Homem* de Aluizio Azevêdo. Não quizemos ainda então occupar-nos desse livro, aguardando mais calma e seria manifestação da opinião publica á respeito. Em toda parte elle foi acolhido como verdadeira e perfeita manifestação da escola naturalista. Sejam-nos permittidas agora algumas observações sobre elle.

O Homem é um romance cosmopolita, universal. Pelo seu thema faz lembrar *L'accident de M. Hébert* de L. Hennique, ou a *Morte de Ivan Iliitch* de Tolstoi, aproximando-se porem muito mais do primeiro, isto é, do romance puramente physiologico ou antes pathologico.

No livro de Tolstoi a doença, a lesão physica de um organo é apenas indicada, entretanto, tão obscuramente quanto a pode entrever o proprio doente, e o thema do romance é a psychologia desse doente desde as primeiras manifestações da molestia até a morte; essa lesão influe no espirito do enfermo, porem indirectamente; é a noção da molestia, a idéa da morte e as que d'ahi nascem o que produz a perturbação nos pensamentos, uma concepção nova do mundo e das cousas, as extravagancias no proceder. O leitor vê pelos olhos do doente e não pelos do medico.

Em *Germinie Lacerteux*, dos Goncourt, o mal physico só se revela pelos seus effeitos, dete minando as acções da paciente, subjugando a cada instante a rasão; nada de anatomia, de dissertação physiologica.

E' exactamente o contrario que se da com o discipulo de Zola. Aqui é o medico expondo *ex-cathedra* a origem e o desenvolvimento da molestia de Mme Hébert e essa molestia, embora occupe larga parte do livro, pouca alteração traz ás funcções psychicas do personagem encarregado de soffrel-a.

No romance brasileiro as perturbações mentaes são resultado immediato e directo da molestia, são a propria molestia em si, e o estado psychologico da doente, fóra dos accessos, por muito tempo não soffre alteração alguma, porem as observações pathologicas occupam no livro um lugar bastante amplo.

Mas onde elle se distancia mais dos outros, que citamos, é neste ponto que no de Tolstoi a psychologia morbida é o centro, em torno do qual circulam episodios da vida intima e da vida publica dos funcionarios russos, observações, estudos palpitantes de realidade, por menores triviaes, tornados epicos sob a sua admiravel penna; o de Goncourt está, *mutatis mutandis*, no mesmo caso; no de Hennique, a doença é por sua vez um episodio em um quadro de costumes burguezes na França; no do Sr. Aluizio porem a doença é tudo, condição e objecto do romance. O Brazil apenas entra alli com os nomes das localidades. Muda-se a scena para Madrid, Baltimore, Buckaresti, Mos-

cou e ella será igualmente verdadeira. A hysteria é de todos os paizes, e as regiões ideaes, onde se desenvolve a parte *sonhada* da acção, e em que o auctor emprega o seu grande talento descriptivo, colorindo-as com as bellezas e riquezas indigenas, por isso mesmo que são sonhadas, não podem representar a natureza tal qual a nosso ver deve ser comprehendida por um escriptor naturalista.

Primeiro expliquemo nos, pois que o auctor só permite a leitura de seu livro a «quem tiver idéas bem claras e seguras a respeito do Naturalismo.»

Por não serem exactamente as mesmas do eminente escriptor, não deixam as nossas idéas de ser firmes e accentuadas.

Entendemos que a Natureza para o escriptor naturalista só pode ser considerado sob um aspecto, é o da influencia que exerce sobre o homem, como uma das determinantes, já do seu caracter, já de tal ou tal acto ou volição, já deste ou aquelle estado particular do seu espirito.

O homem está sempre a reflectir em suas determinações, em suas velleidades, em suas emoções a influencia de um objecto de uma coisa, muito insignificante as vezes, do que o cerca, do que cae debaixo dos seus sentidos.

Em uma obra naturalista, uma ligeira particularidade relativa ao estado do céu, o vento, um som longinquo ou proximo, um fundo de paisagem, indicada rapidamente, em uma phrase, no meio do dialogo ou da acção, representa um modo de ser particular nas idéas ou nas

emoções do personagem.

A natureza é sempre um factor..

Aluizio o sabe muito bem; o casarão sombrio da Tijuca e a athmosphera das igrejas representam bem o seu papel no romance, mas a natureza tropical e a vegetação da ilha imaginaria nada absolutamente importam ao desenvolvimento da acção. Creação de uma phantasia morbida, producto em vez de factor, ellas só adquirem importancia nas ultimas paginas do romance, na recordação dolorosa das venturas gozadas em sonho.

Seja-me relevada a ousadia de discordar do eminente litterato e de seus amigos; a descripção daquellas paragens é muito naturalista para um producto daquella imaginação de moça doente, é muito refina-la para representar as influencias da natureza tropical, herdadas ou recebidas na infancia da protagonista.

Em summa esse importante romance apresenta bem caracterizado o defeito que dissemos existir em todos os ensaios naturalistas brasileiros, isto é ser extranho á sociedade propriamente nacional, não ser um estudo do caracter brasileiro.

E tão longe do autor do *Homem* andou a idéa de fazer um quadro de costumes brasileiros que, alem de ser absorvida pela pathologia uma grande parte do livro, quasi todos os seus personagens pertencem a uma sociedade exotica. A Justina, o Luiz, os outros operarios e suas familias pertencem á colonia portugueza, fallam, obram, pensam como portuguezes, bem isolados da gente do paiz.

Não deixará por isso de

ser um livro excelente, util e fazer época na litteratura brasileira; admiramos o talento de Aluizio e entendemos que *O Homem* deve occupar logar honroso na galeria dos nossos melhores romances mas fazemos votos para que os novos cultores do naturalismo esforcem-se por dar um cunho mais accentuado de nacionalidade ás suas obras, e explorem a mina, quasi virgem, dos nossos costumes populares e do interior.

JOSÉ CARLOS JUNIOR

OLHOS MOLEQUES

(AO PERY)

Conheço uns olhos bregueiros
como ninguém imagina.
Pequenos... Uns petroleiros
incendiando a rotina.

Travessos, maliciosos,
ferinos como punhaes,
são uns olhos perigosos
como inda não vi iguaes.

Malcriados, insolentes,
—uns olhos muito atrevidos,
que alam desejos ardentes
nos corações adormidos.

As cores ferem lampejos
de rubras scintillações;
Lembram-me vaias de beijos
e pedradas de canções.

São patifes, carbonarios,
que atiram dardos certeiros.
Uns olhos incendiarios,
uns olhos arcabuseiros.

Matam rindo. São demonios
de tentações e traçaças.
Si nos contemplam risinhos
meditam nas arruaças.

Fazem jogos, pantominas,
correm, voam, delirantes,
como as creanças fransinas,
como os passaros volantes.

Mas, quando menos s'espéra,
d'aquella rutila chamma,
sae, como d'uma cratera,
a *farpa* d'um *epigramma*.

No entanto são tão bonitos,
tão lindos são os *ladrões*,
que lhes perdão os *delictos*
e adoro as *malcriações*.

12—abril—88.

JOSÉ MARTINS

O RAPTO

(CONTO A IZA)

Nos paços onde as galas da riqueza
derramam-se entre os lustres e os chrystaes
e as sedas e os setins orientaes
vestem os mouros de senhoril nobreza;

Ella vivia—um anjo entre os mortaes.
Seu perfil de poetica duqueza
casava-se ao fastigio de princeza,
nos olhares de affectos fraternaes.

Um dia, ante os seus subditos mais cheros
abriu um bello escriptorio, o seu thezouro,
onde guardava os diamantes raros.

Mas um genio do mar, fulgente e leiro
arrebatoa-a, emquanto elles, avaros
se arrojavam tremendo ao cofre d'ouro.

PERY.

A hora da coalhada

Vergado sobre um grosso livro que tinha aberto na minha carteira somnava enfiadas parcelas de algarismos, quando entrou a chuva. O sol, atravez do espesso e plumbeo veu que tomava a tela concava e incomensuravel do infinito azul, abandonava-nos uma luz parda e deslustrosa. Estava escuro. Gotejavam impertinentes pingos sobre o livro. Eu me via privado de proseguir no trabalho, mas hesitava em levar a penna á orelha e a mão ao queixo, porque o patrão, silencioso e carrancudo, conservava-se em sua banca a ler as gazetas do dia, em quanto eu apostrophava de mim para mim:—Ah vna goteira n'aquella cabeça!...

Momentos depois era satisfeita a minha vontade, não com a desejada goteira, mas com ligeiras lufadas que o acoassavam borrifando lhe as costas e fazendo-o logo retirar-se.

Dissipada a minha perturbação pela ausencia d'elle, n'aquelle momento tão pertinente, abandonei-me

descuidoso na minha cadeira, esta companheira muda e paciente, com as costas voltadas para a carteira, que me sustinha da melhor vontade.

Esta laseira momentanea descortinou-me á imaginação o panorama das paragens de meu lar. E o que eu via!...

Velho casarão, enfrentado de uma latada musgosa, que se erguia no cimo do magestoso comoro, cuja face, revestida de baixa e densa relva, alongava-se ondulante ao olhar contemplativo que eu entornava, sentado no toro estendido na extremidade do dilatado pateo, ao calor benefico d'um sol sorridente e aos galanteios d'uma brisa que toda festiva me vinha trazer os perfumes sugados aos bosques floridos que logo alem se erguiam.

Desvelado este painel que mãos humanas não profanaram, eu me via ao cair da tarde, quando o sol puchava vagorasamente do pino das montanhas os seus ultimos raios, deitado á porteira do curral, tendo por colchão as bastas e macias hervas, olhando as vaccas que penetravam

aquella prisão com suas tetas recheiadas e amoráveis mugidos, aos invocativos berros dos filhos.

Depois chegava dando rabidos urros e inchando o seu dorso athletico o impavido touro, este gigante das nossas selvas, olhando hostilmente para o intruso novilhote que mui acobardado tratava de fugir e isolar-se n'um canto do curral.

Chegava a noite. Ao som das festivas orchestrações dos sapos e á luz jovial d'um foguinho de gravetos collocado n'uma telha, no centro do terreiro, eu ouvia os animados dialogos dos vaqueiros, contando uns aos outros os episodios das campeadas e indagando pela vacca careta, a egua alazã de chucalho fino, o boi liso bargado, o cavallo castanho escuro, passando em seguida a perguntarem pelas sortes que esperavam tirar, até que em fim chegava a hora da saborosa coalhada.

E como soava bem aos ouvidos dos vaqueiros a voz da mulata que os chamava para a ceia! Pressurosos se dirigiam para a grande mesa de cedro coberta de alva toalha de algodão, provida de formidáveis tigellas d'aquelle excellente manjar, que elles, depois de cobrirem d'uma camada de farinha de mandioca e outra de rapadura, devoravam com grande avidéz, lamentando apenas que houvessem botado pouca nata, ao que a mulata respondia desfazendo-se em cacocles, «que assim lhe ordenara sua senhora, pois que precisava da nata para fazer manteiga,» no que obrava ella muito bem, porque só com a manteiga e o queijo de sua excellente fabrica supportar-se-ia os seis mezes compri-

dos como uma sentença de prisão com trabalho, que tinham de passar sem o leite e a coalhada.

E foi justamente quando á noite, lá na rustica vivenda, chegava esse momento, que o relógio do escriptorio, mui pachorrento e fanhoso, annunciava dez horas do dia, e a criada chamava-nos para o almoço.

Em grave silencio, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos das calças, dirigia-me para a mesa com meus companheiros, ferido d'urna saudade, e que saudade! — saudade de meu sertão!

AMPHRISIO

PAGINAS SOLTAS

CONTEMPLAÇÃO

(A PERY)

As jangadas aproximam-se da terra como um bando de garças, que, baixando sobre o mar o sereno vôo, tocam de leve as aguas com as brancas azas rentes com a onda azul.

Ao longe, entre os coqueiros, vê-se uma mimosa casinha branca e, no galho da frondosa mangueira do pateo, um canoro sabia modula as saudosas endechas da tarde.

E lá — adorável e travessa, com as suas roupas brancas e os loiros cabellos soltos, corre, na polida praia, saltitando garrula. Um eterno sorriso paira lhe nos labios vermelhos, setineos como petalas de rosa. A mãosinha *mignone* levanta descuidosa as saias, deixando apparecer atravez das alvissima rendas o mimoso artelho de uma bem torneada perna.

E, assim, começa a brincar com as ondas que ora avançam pressurosas á beijar-lhe os pésinhos ágeis e travessos, ora recuam queixosas da caprichosa moça.

Nesse alegre brinquedo ella continúa até que, uma vez, a onda victoriosa molha-a de branca espuma; então retira-se cançada e vai repousar languidamente n'um pequenino comoro.

Assim, pensativa, os olhos, azues como o céu que se deslinda no horisonte, fitam-se n'um ponto ideal, ao longe, muito longe, onde sua alma eleva-se scismando, na doce contemplação de desconhecidos mundos, em quanto, na praia, as vagas soluçam de bruços, procurando em vão, na prateada areia, as pegadas queridas, da adorável ondina.

(Do *Libertador*) IZA.

O NATAL

Por toda parte onde chega a luz da fé, festeja-se com jubilo a noite do Natal.

E' a festa de todos, do rico e do pobre, do grande e do pequeno.

Não ha palacio nem choupana que não transborde de alegria.

Por toda parte se ergue o tradicional presepe com suas fontes e lagos artificiaes, com seus rebanhos de ovelhas e suas casinhas brancas, onde se representam poeticas scenas pastoris. No centro, rodeado de flores e de luzes, acha-se o divino Infante reclinado sobre um leito de palhas.

De um lado a sagrada familia contempla-o em doce arrebatamento; do outro, pas-

tores e camponeses ajoelhadas lhe offerecerem presentes, que Elle parece agradecer com um sorriso de amor.

Ao longe, guiadas por uma pequena estrella dourada, apparecem os tres Reis Magos.

Um anjo suspenso do tecto segura em uma das mãos uma tira de papel com estas palavras :

—Gloria a Deus e paz aos homens !

Eis o presepe com suas risonhas e graciosas imagens.

O presepe de Belem ! Que assombroso mysterio encerra aquella pequena gruta ! Ali começou o drama estupendo que terminou no Calvario.

Um Deus humanado !

Quem pode conservar-se indifferente ante tão sublime rasgo de amor ?

O proprio atheu, que faz ostentação de sua incredulidade, sente-se profundamente commovido deante d'este quadro singelo e arrebatador.

Approxima-se a hora da missa do gallo. Os campanarios atroam o ar com repiques. As egrejas abrem-se resplandescentes de luzes, de flores e de galas. O povo entra em grupos no meio do bulicio e confusão geral.

Restabelecida a ordem, começa então a verdadeira festa, a festa do santuario. A voz do sacerdote, umida aos seus meliodiosos do organ, sobe de envolta com os rolos de incenso até ao throno do omnipotente.

O Natal ! Quem não se sente alvoroçado n'esta noite festiva ? Todos os corações se desatam em jubilo. E' a festa das creanças, dos moços e dos velhos. E' a festa da familia.

MADemoiselle ***

A PAIXÃO

D'aquella varanda ella assistia perfeitamente ás ceremonias. E' verdade que ali por ser mui alto, sentia-se toda aquella calidez encommoda, todos aquelles effluvios do corpo humano viciando o ar e subindo invisivelmente a enrubecer lhe a tez e a perseguir lhe o nariquinho afilado mas por isso mesmo estava constantemente a agitar o seu grande leque de seda, que affastava-se e approximava-se do seu coração como uma enorme borboleta negra.

Havia claridade pouca, sufficiente porém para o livro da semana santa poder espelhar-lhe no olhar calmo e profundo e innocente as carreirinhas de types muito negrinhos no papel branco.

Todavia, a fallar verdade, aquellas palavras não podiam despertar-lhe idéa alguma, visto como em um só peito não se podem abrigar dois amores ao mesmo tempo, pela lei physica da impenetrabilidade.

E assim, descansava o olhar, que era o vehiculo por onde o seu espirito mais se impressionava, percorrendo vagamente o grande todo do templo. Tudo era vendado.

A vidraçaria pintada do côro impregnava de pallor os lados do immenso vulto escuro do organ. Os cantores, de preto, arrumavam-se entre os fieis que invadiam o recinto a elles reservado, e nem o pavilhão do ophedele brilhava com o seu reflexo de arame.

De um lado, ali no côro, muito no sombrio, agglomeravam-se em ordem as educandas do collegio, e via-se o chapeo branco das irmãs

de caridade, como grandes aves que querem voar. A ordem superior de varandas, bilateralmente, estava repleta; e a inferior, com os seus balaustres brancos e o seus coreto de linhas de cadeiras ascendentes.

Era como n'um theatro em que houvesse enchente a cunha.

As grossas columnas da nave pareciam acaçapar-se ao peso das paredes altissimas.

Grandes veos negros encobriam as duas capellas collateraes.

Nas aras ardião velas de cera de um amarello sombrio e crú, em castiças pretas, e cada nicho estava transformado n'uma janella escura.

O doirado das obras de talha destacava-se apenas, bordando o custoso emoldramento dos altares, como uns longinquos lusimentos mundanos.

Lá dentro da capella-mór as janellas de varandas auri-brancas estavam penumbreadas. Do enorme panno que tocava no tecto e erguia-se ao fundo do templo sentia-se baforar toda aquella escuridão que se equilibrava no ar, e dilatava-se por todos os cantos. O marmore roseo do arco da capella-mór, abria um iris sobre aquella nuvem negra ; e lá no tapete multicolorido, os padres uns de batina e sobrepelliz de rendas, outros de alva e casulas côr do sol, disiam segredos em voz alta, ora paravam, ora iam, ora vinham, ora assentavam, mysteriosos, vagarosamente, lendo em grandes livros, queimando incenso, e soltando para o espaço, como aves negras, umas após outras, as notas tristes do canto-chão. A fumacinha como prateada

do incenso perdia-se logo.

Algumas vezes punham a mitra, depois de beijal-a, sobre a fronte encanecida do diocesano, e este levantava-se com o seu rico cajado de ouro. Aparecia as vezes com o seu roquete de finissimo bordado, com a batina roxa, e a sua murça que lhe dava uns ares reverentes, e o seu grosso trancelim com a cruz cravejada cahindo sobre o peito, e o seu anel de esposo da igreja; ás vezes com pesadas capas de rei, com purpura e arminhos; ás vezes com a longa santidade das vestimentas pontificias.

Mas o sentimento dos fieis não estava geralmente para esse recinto dos sanctus sanctorum, para o symbolico erudito das ceremonias, para a piedade do acto. D'entre aquella multidão a mais não poder, com o espirito lia-se os espiritos na direcção ou no vago das pupillas, na attitude dos ouvidos, nos labios em sorriso, em conversação, ou em recolhimento, na fronte, no porte, no todo compungido ou desfarcado, religioso ou mundano.

Da capella do Sacramento ouvia-se o bater de um martello, ensurdecido, acolchoado, e de quando em vez a rangedeira abafada de uns passos cautelosos. Naturalmente, preparos de novas ceremonias.

Granhiam os pesados gonzos de uma larga porta sumida n'um dos corredores, entrando ou saindo alguém, e um jacto de claridade franca e diurna despejava-se pela egreja. Depois voltava o escuro.

Nas altissimas janellas da nave, que dão para cima dos telhados, o dia salpicava apenas pela fimbria dos tristes veos pretos, e ornava de estreilos os buraquinhos do panno. Pedacinhos de claridade ca-

hiam esfarinhados na parede. () organ as vezes mugia, ás vezes ballava, ou soluçava e gemia, acompanhado pelo violoncello, pelo ophicleide, pela flauta, e pelo delgado violino penetrante, sob o grosso esvoaçar das vozes dos cantores.

Era uma provocação desabrida para as lagrimas.

E emfim, no pulpito suspenso na parede cujo caiamento parecia repassado do esfumilho, appareceu o padre. um rapaz gordo, alvo, risonho, fazendo muito por tornar-se carrancudo, com as largas mangas de seu roquete cahindo sobre a toalha que arrodava o corpo da tribuna.

Virou-se para o santuario e persignou-se largamente.

E depois, com as duas mãos nas bordas do pulpito, debruçando-se para o auditorio, começou, alto e pausado e vibrante:

Et inclinato capite... tradidit spiritum!...

...
E toda aquella multidão destribuida a apinhada pelos corredores, pelas varandas, pelo côro, pelo corpo da egreja, pelo pé dos altares, por todos os cantos prestou olhos e ouvidos.

O pregador se destacava bem. Um pouco acima de seus cabellos crespos ficava o alto da porta, ornado de um frontão que despedia um aureola, como um sol desabrolhando. O corpo da tribuna findava em uma mançaneta, para baixo, como um cacho de uvas de ouro atado a ponta de uma cortina. E todos olhavam para cima, e o padre continuava na placidez da sagrada eloquencia.

De quando em vez sahia-lhe como um raio tremulo, como uma faisca electrica entre os rebordos das nuvens acla-

rados e escurecidos momentaneamente.

E proseguia a chuva abundante da palavra de Deus.

Como a terra ensopa com o inverno e faz nascerem as sementes no agreste, assim as almas estremumbavam, acordavam, e mettidas no sombrio, na luz coada, no morno, despertavam da carne peccaminosa e esterilizada...

Em dado momento, appareceu nas mãos do pregador uma tela dependurada, um lençol branco, e n'elle estampada a imagem de um homem despido, com uma toalha nos rins.

E em lagrimas, n'um tremalo crescente, a mão vacillante, cheio de dor, o padre murmurava choroso:

«Eil-o, eil-o o vosso pae, o vosso amigo, o vosso irmão, o vosso Jesus... eil-o... assim maltratado, assim golpeado... Esta cabeça cheia de sciencia, rasgada por uma côroa de espiuhos; este coração fonte do amor, atravessado por uma lança; estes joelhos que só se sobraram para levantar os mortos e curar os enfermos, descarnados até os ossos; estas mãos repassadas de divino effluvio, esmagadas barbaramente por duros cravos; estes pés que palmilharam sobre as ondas, conjuntamente arrepeitados e arreventados por um cravo dilacerante; estes hombros... estes hombros, vede-os christãos, vede os, como ficaram ao peso da cruz... vede-os...

E a mor parte dos fieis soluçava... Já não se via aquelle continuo e embastido movimento de leques pela superficie da multidão. Ouvia-se um guincho de uma mulher nervosa e o assoar do bemdito muco do chôro santo...

Sentia-se uma consternação inexprimivel.

Eu ajoelhava prostrado ante a divina figura do Mestre e o meu olhar trespassava-lhe também o coração fonte do amor. Misero peccador, sumido na multidão, quizera que me visse, que soubesse que eu lhe quero bem. E parecia-me de seu peito cair o sangue tão puro e verdadeiramente como cabiu no Calvario. Eu tinha vontades de lhe gritar— Eu te amo porque tu soffres!

Entretanto, senti que no coração d'elle também outro olhar estava abrigado. e quasi o meu espirito, que lá estava pergunta:— Que quereis?

E quasi o outro olhar me pergunta o mesmo.

Inquirimo-nos entretanto, conjunctamente:— Aqui não é a fonte do amor?

E as duas almas, feitas uma para a outra, encontradas lá dentro do coração de Jesus, disseram-se:— Bebamos pois, da fonte do amor!..

O padre continuava, mas nós não entendiamos. O meu corpo inanne cahia cada vez mais sobre os joelhos, n'uma adoração profundissima. E do sudario desaparecera o Jesus sanguinolento, para pintar-se ella com o seu vestidinho preto e as suas pulseiras de ouro. a olhar-me para meu coração soluçante.

O padre me apontava era para os seus labios mudos de sentimento, e para sua fronte livre de pesadumbres. E gritava-nos:— Amai. arrepedei-vos do tempo perdido...

E eu apertava o meu peito com as duas mãos.

E adormecido, entorpecido, ignorante, alheio, tomado de dor e de ventura, ouvi as ultimas: palavras: *et tradidit spiritum...* e entregou o seu espirito.

GIL

HOMENAGEM

A ANNA NOGUEIRA

Não te corre nas veias delicadas
O sangue azul da fatua realesa,
Nem te cerca o prestigio de grandeza
Que enaltece as cabeças coroadas;

Desconheces as regras variadas
De etiqueta—requite da nobresa.
Nem preferes á doce singelesa
Um que vives as côrtes decantadas.

A teus pés não se curva a multidão
Para beijar-te a pequenina mão,
Quando passas incognita e sosinha;

Mas, sendo, como és formosa, e bôa,
Tens uma bella e fúlgida corôa,
E vales muito mais que uma rainha

JANE DAVY.

TEU OLHAR

Ao divino fulgor das alvoradas
A's estrellas inquietas luminosas,
Ao puro lyrio, ás delicadas rozas,
A' frescura das relvas perfumadas.

A's borboletas meigas e doiradas,
Volitantes, alegres, caprichosas,
Aos solfejos das aves maviosas,
Da casta pomba as azas prateadas,

Ao céu azul, sereno e radiante,
Ao claro sol de maio fulgurante,
A' branca luz virginea do luar.

A' tudo isto que o universo adora,
As rosas, lyrios, aves e aurora,
Prefiro a doce luz do teu olhar.

ANNA NOGUEIRA

NOITE DO AMOR

(A JOÃO LOPES)

Era uma noite clara, esplendorosa,
Sobre as nuvens rosadas do Oriente
Erguia a lua a fronte luminosa;

Como um beijo de luz idealizado,
O luar estendia-se dormente
Atravez do ambiente perfumado.

Cantavam rouxinôes nos arvoredos,
E das folhas o brilho avelludado
Fallava-nos d'incognitos segredos.

Os insectos e as larvas rastejantes,
Na espessura dos antros tenebrosos,
Gemiam delirantes,
Na luxuria dos beijos venenosos.

Os rebanhos dormiam e os pastores
E as serpentes nervosas sensuaes,
Dormiam sobre as flores,
Na corolla dos lyrios virginaes.

Scintillavam no espaço os vagalumes,
E das rosas os luridos sendaes

Exalavam castissimos perfumes.

Gemia o mar, ao longe, nos rochedos
E a nortada batia tristemente
Na cupula florente
Dos frondosos, tranquilos arvoredos

Na haccia dos lagos crystallinos
Reflectiam se os riscos luminosos
Das estrellas, dos astros peregrinos.

Perpassavam no ar—harmoniosos
Os murmurios, ethereos, inspirados,
Dos infinitos mundos radiosos...

E, das grutas dos montes perfilados
Surgiam como sombras vaporosas
A legião dos sonhos encantados

Que vozes ternas e mysteriosas
Ouviam-se no espaço illuminado!
Esse lago sereno e povoado
De barquinhas—estrellas luminosas.—

Das campinas—a lurida ramagem—
Bracejavam-se os galhos mais frondosos
Aos bafejos d'aragem:

E do cume dos montes alterosos
Desciam fios d'agua reluzentes,
Como encarnes serpentes,
Atravessando os alcantis fragosos.

.....
.....
.....
.....

Nós seguíamos então silenciosos
Atravez dos esplendidos sendaes
Como sonhos de amor mysteriosos.
Saudavam-nos os alvissimos rosas
E os fragredos dos montes alterosos
Gigantes e collossaes...

Lançavam-nos olhares curiosos.
Da immensa solidão,
Os lagos transparentes, de crystaes,
E a cadeia dos astros luminosos,
Suspensos d'amplidão...

Geará—1888.

ALVARO MARTINS.

OS QUINZE DIAS

Não é preciso arregalar tanto os olhos, o espantado e paciente leitor.

Lá porque uma pessoa passa quatro quinze dias sem dar um ar de sua graça, que é muita, louvado seja Deus, não é motivo para você fazer essa cara de quem vio alma do outro mundo. Salvo si pensava que eu tinha cahido na petetice de morrer e agora supõe que venho pedir umas tantas missas que me refresquem (salvo seja) contra os

ardores das caldeiras de Pedro Botelho.

Não vim, ha muito tempo, é certo, alegrar estas columnas votadas á chroniquice meio grave meio risonha, que dá á *Quinzena* o tom boulevardeiro, que lhe assenta muito no pensar de alguns, que não lhe assenta nada no entender de outros, em menor numero, felizmente. Mas nem por isso devem os que bocejam fradescamente á musica de minha prosa, considerar *sede vacante* o logar que occupo aqui, em attenção ás virtudes, merecimento e mais partes que concorrem na minha pessoa. Antes, pelo contrario...

E agora, dadas as desculpas de estylo, chroniquemos *Os Quinze dias*.

Chronista'que se preza deve começar a desempenhar-se de suas obrigações fallando, com solemnidade de conselheiro Acacio, da calamidade periodica com que a *natura mater* apraz-se em flagellar esta muito heroica terra da luz, banhada pelos verdes mares bravios, patria indiscutivel de *Iracema*, berço controverso de Camarão.

A secca teve a amabilidade de adiantar sua visita annunciada para 1892 e apresentou-se nos antes mesmo da commemoração centenaria da revolução franceza.

Veio ver si o patriotico e zeloso governo de sua magestade o rei intinerante e doente tinha feito alguma cousa contra ella; veio espiar em que estavam as obras dos açudes de Quixadá, Lavras e Itacolomy; que adiantamento levava o prolongamento da via-ferrea de Baturite. Verificando por seus proprios olhos que a terra... perdão, que o inverno frio ha de comer, que

os ministros brasileiros e os deputados cearenses são os seus melhores amigos e nada fazem que possa ser-lhe contrariedade, embaraço ou decepção, a secca resolveu aboletar-se aqui, onde demorar-se-á o tempo que Deus for servido e ella bem tratada.

E faz muito bem a secca

Tirante das apprehensões causados pela falta de chuvas, ingratidão collossal desta ceo azul, trancado como o segredo de um crime, a população passa perfeitamente bem e ostenta alma grande de sobra, para dar e vender a quem por ahi a tiver pequenina e rachitica, amofinada, anã e reles.

Prova:—o monumento Tiburcio, inaugurado no dia 8 com as solemnidades festivamente patrioticas ou patrioticamente festivas, que o *Libertador* contou tim tim por tim, na sua qualidade de organ official dessa homenagem a Tibucio, como o saber de todas as ideias boas, nobres, sadias e elevadas.

A festa inaugural da estatua levantada á memoria do soldado—philosopho, amigo de seu amigo, devoto de sua patria, escravo de seu dever, é na minha pouco auctorizada, mas intrometida opinião o testemunho mais eloquente, mais solemne, do vigor sempre crescente e cada dia mais firmemente accentuado, da alma enorme deste povo eleito.

E d'aqui, d'onde contemplo com igual admiração a magestade da estatua, em seu pedestal de marmore eterno, e a imagem multiforme do povo, enthronada na sua magnanidade e soberania imperecivel, saúdo a immortalidade da glória e a immortalidade da justiça da historia.

Festas acabadas musicos a pé.

Tal e qual, por occasião dos festejos inauguraes do monumento.

Voltando a cidade ao costumado *farniente*, á pasmaceira que tanto aborrece, uma leva consideravel de familias das mais distinctas e mais apreciadas nos nossos centros sociaes partiu para o velho mundo.

Foi o 2.º e ultimo successo da quinzena.

Provavelmente ficou muita gente arrumando as malas para seguir o mesmo destino brevemente, attrahida pelos esplendores da exposição de 1889.

Vão e sejam felizes, emquanto nós ficamos por aqui arranjando soccorros para os retirantes que nos batem á porta pedindo pão e trabalho

J. L.

ANNUNCIOS

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36